

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—*Roma e a Revolução*, por Elias de Sampaio.—Secção Religiosa: *Estudos Biblicos—As bellezas do Cantico dos Canticos*, por J. C. de Faria e Castro.—Secção Scientifica: *O Papado e a civilização, Discurso do Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. Dr. Theotonio Manuel Ribeiro Vieira de Castro*.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 23.^o*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Kultursampf*, por Dom Antonio d'Almeida; *Coisas! Coisas!* por um leitor de gazetas.—Secção Litteraria: *Na vez primeira*, poesia, por Mattos Ferreira.—Secção Illustrada: *Barcellos; Arredores d'uma cidade na China*, por R.—Secção Bibliographica: por Alberto dos Guimarães.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.—Bibliotheca Romantica, G.^a folha, *A Filha da Condessa*, verso de Mattos Ferreira.

GRAVURAS: *Barcellos; Arredores de uma cidade na China*.



BARCELLOS

Roma e a Revolução



QUEM foi o povo ousado que, de mão armada, invadiu os Estados do Papa, e fez de Roma, antes Capital do Mundo, capital de um simples estado?

Quem levantou um muro as-

sás forte entre 250 milhões de catholicos e o seu chefe, o vigario de Jesus Christo na terra?

Quem fez arrear os estandartes da Igreja, que fluctuavam ás brisas fagueiras da paz, nos reductos da cidade eterna, como signal de que alli, dentro

d'esses muros, que os seculos haviam respeitado, vive o Pae das christandades espalhadas por toda a terra, a primeira auctoridade terrena, o mestre infallivel da verdade?

Quem aprisionou o Pontifice Romano, dando-lhe por prisão o Vaticano, apo-

derando-se dos bens da Igreja, insultando os ministros do Senhor, lançando ao abandono as Virgens a Deus consagradas, e tomando por morada os paços pontificios, como que as hordas selváticas tivessem conquistado a cidade dos Papas, e a puzessem a saque?

Quem foi?

Seriam os bandoleiros que acompanharam Garibaldi nas suas correrias? Seriam os soldados do rei sardo, as bayonetas dos piemontes, os canhões que haviam esboroadado o throno de Nápoles e quebrado as coroas com que os outros principes italianos ornavam a frente?

Seria a politica mazziniana, o valor de Victor Manuel, os principios de 89 levados á Italia nos fins do passado seculo?

Não! Quem decretou a invasão de Roma, foi a maçonaria, quem ajudou, quem tomou parte activa n'esse monstruoso attentado foi o protestantismo.

Como chefe do movimento estava Victor Manuel; como poder occulto, estava Bismarck. Foi, pois, a maçonaria de mãos dadas com o protestantismo que abriram a brecha da Porta Pia, que assaltaram Roma, que aprisionaram o Papa, e que tem a Igreja opprimida, escravizada, vexada!

Ha uma differença ainda assim entre os dois amigos que se congraçaram para tomar Roma. A maçonaria obrava por odio ao Papa, a Deus, á sua Igreja; Bismarck obrava para salvar a sua politica, para ter quem lhe guardasse as costas emquanto elle, com todo o poder da Allemanha, invadia a França. Não fosse Bismarck e a maçonaria não teria entrado em Roma; mas Bismarck queria que os canhões italianos se experimentassem nos muros de Roma e que os cavallos de Victor Manuel fossem beber as aguas do Tibre, emquanto elle calcava a França com o peso enorme da sua artilheria, passeava os seus cavalleiros pela cidade de Paris, e surrava com as botas do seu estado-maior os tapetes dos paços de Versalhes.

E para isto entabou negociações com o governo de Victor Manuel, incitando-o a tomar Roma, mas como não fosse bem recebido, tratou o negocio com a esquerda parlamentar italiana, que então estava com o radicalismo mais exaltado, que o recebeu admiravelmente. E dois dias antes da batalha de Forbach, ferida entre allemães e francezes, apresentou-se no quartel general prussiano o garibaldino Cucchi, e ali tratou com o chanceller os meios de invadir Roma, offerecendo este os recursos materiaes, e até, se tanto fosse mister, forneceria as espingardas necessarias para armar os voluntarios. Em recompensa d'este auxilio a esquerda parlamentar italiana

obrigava-se a formar um movimento que fosse de encontro á alliança com a França.

Bismarck tinha ganho a partida, e creava a sua preponderancia na Europa.

Terá ainda hoje a maçonaria o grande Bismarck a apoiá-la na occupação de Roma? Não! O ministro de Guilherme II viu as cousas melhor que ninguem e comprehendeu, por isso, flectando a Italia e o mundo, que a Italia official se debate com difficuldades enormes, que Humberto, allicto, medroso, entre o desprezo dos catholicos e o punhal dos sicarios anticlericaes, não sabe para que lado se hade voltar. Mas Bismarck, que não olha se não aos interesses do imperio que formou, descarregará tremendo golpe sobre o usurpador dos Estados da Igreja, quando lhe parecer que é para isso occasião azada, e que pode fazer negocio.

No Congresso de Berlim já mostrou o chanceller do imperio o que Humberto tem a esperar da Allemanha, e ultimamente, na visita do imperador a Roma, deu bem claras provas de que o Papa é o senhor de Roma, pois que todas as gallas, as maiores honras foram prestadas ao Papa-Rei, tratando Humberto como um principe qualquer, que fosse a Roma assistir ás festas para então preparadas.

Não será tudo isto um prenuncio muito saliente, de que o triumpho da Igreja se aproxima, e de que a Cruz hade expulsar da cidade dos Papas o malhete maçonico, e devolver ao povo romano a antiga felicidade, a sua querida liberdade, que agora não gosa, opprimido como está sob o peso do despotismo e da tyrannia revolucionaria?

Roma será devolvida ao Papa dentro em pouco, cremol-o; porque acima do malhete maçonico e do poder de todas as nações do mundo, ergue-se a auctoridade de Deus, ouvem-se as palavras de Jesus Christo ao seu Vigario.

Elias de Sampaio.

SECÇÃO RELIGIOSA

Estudos Biblicos

As bellezas do Cantico dos Canticos

«A mulher santa, e cheia de pudor, é uma graça sobre outra graça.»

Gratia super gratiam, mulier sancta et pudorata.

Eccl. xxvi, v. 19.

os cinco livros didácticos do Antigo Testamento isto é, *Job*, os *Psalms*, os *Proverbios*, o *Ecclésiastes* e o *Cantico dos Canticos*, ha dois que se ligam por allinidades

profundas: o livro de *Job* e o *Cantico dos Canticos*.

Porque? Porque amar e soffrer, são emoções que vão sempre aproximadas.

Não é acaso o segredo do muito soffrimento e do muito amôr? E não é porventura com o muito soffrer que se augmenta o amôr? Creiam que não é acidentalmente que se abriu a série dos cinco livros da sabedoria hebraica pelo livro de *Job* e se fechou pelo *Cantico dos Canticos*. E' que em *Job*, está a fidelidade em lucta com os assaltos do soffrimento; e na *Sulamitis israelita*, está a fidelidade em lucta com as seducções do gôso.

Uma d'estas luctas é o complemento da outra. O amôr só se mostra invencivel uma vez que a ambas tenha supportado e vencido.

Para elucidação. Na prefação d'este divino livro, o livro mais poetico que existe, lê-se: «Porque é de saber, que ainda que no sentido historico é este cantico um *Epithalamio*, que Salomão compoz ao seu casamento com a filha de Pharaó; a tradição constante de todos os santos padres tem, e ensina, que na figura d'este casamento de Salomão com a princesa do Egypto, intentou o Espirito Santo exprimir outros desposorios muito mais illustres, e elevados, quaes são os do verbo encarnado com a natureza humana, com a Igreja, e com cada uma das almas justas».

Portanto este formoso poema é uma lição allegorica. Elle é a coroação do *Ecclésiastes* (1), que préga a vaidade das coisas d'este mundo, e elle mesmo conduz as almas a Deus, para as unir com o seu Creador e as consolar da vaidade dos bens terreaes.

* * *

E' auctor d'este livro, o proprio rei Salomão. «*Cantico dos Canticos, o qual é de Salomão*» este titulo é tanto mais para notar-se, porque elle parece ser uma provocação ao conteúdo do poema. Portanto não pôde ser outro o seu auctor que Salomão, visto que nenhum escriptor israelita poderia ter posto o grande monarcha em scena debaixo da forma como elle apparece n'este poema, a não ser este monarcha mesmo.

Duas coisas se sabe da mocidade de Salomão; uma: que «o Eterno o amou»; outra: que «Salomão amou o Eterno». Estas duas expressões (2) são completamente exceptionaes no Antigo Testamento; aquelle a quem ellas se applicam, conhecia infelizmente tambem de uma maneira excepcional o fogo das

(1) Veja o meu estudo acerca do *Ecclésiastes* no n.º 6.º do 9.º anno do «*Progresso Catholico*».

(2) II Sam. XII, 25.—I Reis III, 3.

paixões terreaes. Ninguem em Israel por consequencia, era mais competente que elle para descrever ou o ardor do sentimento religioso ou a flamma do amor terreal.

E' ainda um facto para notar que Salomão recebera duas vezes, e de ambas em sonho, as communicações immediatas de Jehová.

Ninguem ignora que foi tambem em somno extatico e por duas vezes, que a Sulamitis gosa da presença sensivel do seu Amado.

As expressões pelas quaes Salomão convida no Canticos os seus amigos a participarem na ventura que o espera: «Comei, e bebei, e embriagai vos, carissimos». têm uma singular relação com a descripção do estado do povo d'Israel no reinado de Salomão nos livros historicos: «E o povo estava numeroso como a areia do mar; e comia e bebia e folgava (1)».

* * *

Que descripção tão graciosa do esposo que se acha no capitulo II, do Canticos, e que principia assim:

«Eu sou (é o esposo que falla) a flor do campo, e o lirio dos valles. Qual o lirio entre os espinhos, tal é minha amiga entre as filhas.»

E a esposa falla do esposo assim:— «Eis lá vem elle saltando sobre os montes, pulando sobre os outeiros. Semelhante é meu Amado ao gamo, ou ao fillo das corças. Eis lá está de trás de nossa parede, olhando pelas janelas, e espreitando pelas grades. Eis me falla meu Amado, e me diz:

Levanta-te, apressa-te, amiga minha, minha pomba, minha formosa e vem. Porque, eis que passou o inverno, a chuva se acabou, e se foi: flores apparecem já em nossa terra; chegado é o tempo das canções: sôa já em nossos campos a voz da rôla: a figueira aponta já seus fructos: e as videiras em agração espalham seu perfume. Levanta-te, amiga minha, minha formosa, e vem: mostra-me teu rosto, ó pomba minha, no cavado do rochedo, nas fendas do muro em ruina: sôe tua voz em meus ouvidos: porque tua voz é doce, e tua vista agradavel.»

Tal é tambem a descripção da formosura da esposa no capitulo IV, cujo principio traz o verdadeiro cunho da composição à moda oriental.

Ali, os olhos da esposa são comparados com os olhos das pombas, os seus labios são como a lita d'escarlata. O nacar das suas faces é como o vermelho da romã partida, o seu pescoço é como a torre de David, etc.

(1) Compare-se, Canticos V, v. I com I Reis IV, v. 20.

Que magnifica expressão poetica esta: «Eu durmo, e o meu coração vela: eis a voz do meu Amado que bate, dizendo:

«Abre-me, irmã minha, amiga minha, pomba minha, immaculada minha: porque a minha cabeça está cheia de orvalho, e me estão correndo pelos anneis do cabello as gotas das noutes.»

* * *

O Canticos dos Canticos era uma canção pastoril cuja forma devia singularmente agradar ao povo hebreu que achava muito prazer no apascentar os gados.

Nenhum escriptor do Antigo Testamento ha revelado uma tão fina observação e um conhecimento tão completo como Salomão, poeta, de todos os objectos da natureza, ou que fossem metaes, as plantas ou os animaes. As suas comparações, tomadas d'estes diferentes terrenos, são de uma exactidão e de uma fertilidade extraordinarias.

Este genero de superioridade foi sempre uma raridade em Israel. Mas era precisamente e no mais alto grau o artistico d'este grande monarcha. como algures é dito na Escripura: «Que conhecia todas as arvores, desde o cedro do Libano até o hysopo que sae das paredes, e que sabia discorrer sobre os gados dos campos, os passaros, os repetis e os peixes.»

* * *

Ha poesia humana mais formosa como este texto do Canticos, no capitulo 3.º e 8.º?

«Levantar-me-hei, e rodearei pela cidade, pelas ruas, e pelas praças: buscarei a quem minha alma ama: busquei-o, e não o achei. Encontraram me os guardas, que rondavam a cidade, e lhes perguntei: Vistes a quem minha alma ama? Apartando-me um pouco d'elles, logo achei a quem minha alma ama: peguei d'elle, e não o deixei ir, até que o metti em casa de minha mãe, e na recama da que me gerou. Eu vos rogo, ó filhas de Jerusalem, que em as côrças, e gazellas do campo andais, que não acordeis, nem desperteis a amada, até que queira. Põe-me com sello sobre teu coração, como sinete sobre teu braço, porque o amor é forte como a morte, e duros como a sepultura são os ciumes: ardem como o fogo, devoram como as chammas. As muitas aguas não poderiam apagar este amor, nem os rios affogal-o. Ainda que desse alguem toda a fazenda de sua casa por este amor, julgaria nada ter dado.»

Em summa, Salomão toma todas as suas imagens, e comparações, da natureza mesma do genero que adopta.

Taes são, os fructos, as flores, os pozos, a agua das fontes, o leite, o mel, a voz gemente das rôlas; e d'ali essas harmonias d'amôr tão suaves, esses beijos tão castos e tão doces.

* * *

Uma vez entendida a idéa sagrada d'este lindissimo poema, o Canticos dos Canticos é um livro divinissimo! E portanto nada mais facil que fazer d'elle a applicação pratica permanente à sociedade christã.

Egual à Sulamitis captiva no palacio de Salomão, a alma fiel, em quanto ella está encerrada na prisão do corpo, acha-se exposta a todas as seduções do mundo. Mas n'ella habita uma aspiração sublime, uma sêde inextinguivel do Deus de cujo amôr ella está sentida, aquelle *instincto virgen*, do qual fallou S. Martinho, e que a arrebate para esse invisivel Bem Amado de que ella está separada pelas paredes da sua prisão.

Portanto o Canticos dos Canticos é ainda hoje uma verdade em toda a parte em que um sôpro de vida divina, encerrado na dupla prisão terrestre do corpo e do mundo, aspira à liberdade perfeita e ao amôr puro, e busca na communhão de Jehová, apparecido em Christo, a satisfação d'estas necessidades supremas. Applicar o Canticos n'este sentido, não é allegorizar arbitrariamente, nem introduzir no texto o que n'elle não está; é fazer descer o balde ao fundo do poço e tirar para fóra a agua viva que d'elle jorra.

J. C. de Faria e Castro.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O Papado e a Civilisação

Discurso pronunciado pelo Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Dr. Theotonio Manoel Ribeiro Vieira de Castro, professor e Vice-Reitor do Seminario portuense, por occasião da solemne abertura das aulas do mesmo Seminario.

(Continuado do n.º anterior)

Meus Senhores, se o Papado creon e dirigiu a Civilisação, promulgando e defendendo a Verdade que santifica e illumina, favorecendo e cultivando o Bello que eleva e purifica, largos são tambem os seus beneficios em ordem ao Bem Social, conquistando e reivindicando a liberdade e a paz.

Liberdade! eis, Meus Senhores, uma palavra magica, que, como já dizia Bossuet, tem o segredo de commover as massas!

Liberdade! sobre os labios de um tribuno levanta as multidões como as ondas do oceano agitado, lança-as com furor sobre os thronos para afogar a tyrannia em sangue!

Liberdade! palavra electrica, que levanta uma nação inteira, como um só homem, para arremessal-a sobre um campo de batalha, e ali comprar, com o proprio sangue, a estremecida independencia!

Liberdade! palavra mysteriosa, cujo encanto só bem se comprehende quando a propria liberdade se perdeu, e que arranca ao prisioneiro, no fundo da masmorra, tantos suspiros, lagrimas e saudades. A palavra—liberdade! delira-se, chora-se, luta-se; todos os corações palpitam, todos os olhos brillam, todos os braços se erguem, todos os labios cantam, todos os homens fremem ou de entusiasmo ou de raiva. É, Senhores, que a liberdade, apañagio exclusivo dos seres intelligentes, é a nossa mais nobre e bella prerogativa.

Pois bem; o Papado apparece na historia como o mais strenuo e intelligente defensor da liberdade!

Em primeiro lugar, restaura a noção da liberdade physica ou livre arbitrio, base de todas as liberdades.

Em toda a theogonia, e em toda a litteratura pagã, dominava uma ideia desolante inimiga de todo o progresso — o fado ou destino; e os philosophos mediocres como Democrito ou Lucrecio repetiam, com os sublimes Platões e os Zenões, o que hoje articulam os escravos do Alcorão: *Estd escripto!*

E entretanto, o Papado colloca a doutrina da liberdade physica, nas eminencias do dogma catholico. Poderão surgir os Marcionitas, os Manicheus, os Priscillianistas, os Predistinianos, os Wicleffitas, ou os Hussitas, mas elle os expungirá do corpo da Igreja. Não tremará Luthero ao escrever ser o livre arbitrio *«figmentum in rebus, et titulus sine re»*, (1) mas o Papado o fulminará com o anathema, como mais tarde fará aos Baños e aos Jansenios.

Nos nossos dias, em que alguns barbaros intellectuaes, chamando-se *livres* pensadores, mofam do *livre arbitrio*, como Taine (2), About, e, no ultimo decennio, Ribot e outros psycho-physiologistas (3), ou affirmam, com Littré (4), que o que fez o mundo, o que elle é são necessidades rigorosas, ou, com

Wirchow, que tudo o que fazemos somos obrigados a fazel-o, os Pontiffes tem condemnado essas aberrações embrutecedoras, e reivindicado para o homem, «esse nobilissimo dom da natureza, base da dignidade humana» como se exprime Leão XIII, na Encyclica *Libertas*, de 20 de Junho do corrente anno.

Do poder de escolha ou livre arbitrio brota o direito de escolha, ou liberdade moral.

Ora, para conservar intacta a sua genuina noção, o Papado tambem tem lido de sustentar luctas gigantes, mórmente no nosso versatil seculo, já contra o pantheismo e o materialismo, que na sua «evolução logica e rapida para o nihilismo» na phrase do Cardeal Newman (1), depois de destronarem a Deus, fazem consistir a liberdade moral na independencia absoluta, já contra esse erro ainda palpitante, o naturalismo moderado de muitos publicistas, que, reconhecendo que esta liberdade, deve ser subordinada à verdade e ao bem, entendem por liberdade a independencia e a separação do Estado e da Igreja (2), esquecendo que tambem o Estado deve à Divindade a homenagem do culto que Ella determinou, visto que, tendo feito o homem social, é Ella a Auctora da sociedade, e esquecendo que o erro e o mal nunca, nem em these, nem em hypothese, podem ter direitos, mas só tolerancias em hypothese.

Ao lado das noções da liberdade physica, e da liberdade moral, o Papado reconquistou a liberdade em si mesma. Todas as liberdades nasceram ao pé dos altares, diz Gorini; e em primeiro lugar a liberdade civil, ou a faculdade que a lei civil deixa e assegura a cada cidadão de fazer o que quizer, não lesando nenhum direito, quer geral, quer particular.

Ao apparecer no mundo, o Papado só encontrou duas classes de homens: escravos e tyrannos. Nove decimos do genero humano, affirma um Historiador (3), eram escravos.

E todavia, Meus Senhores, semeando as inefaveis ideias da fraternidade, e da igualdade de origem e de fim ultimo de todos os homens, o Papado, com a prudencia e paciencia de quem advoga principios eternos, foi preparando os espiritos, para a emancipação d'esses infelizes, a quem elle chamava irmãos desgraçados, e a quem Aristoteles chamara utensilios animados; e ao subir ao Capitolio com Constantino, fez passar essas ideias ás leis e ás instituições.

Apagou-se da legislação o horrivel direito de mutilação e morte sobre os escravos, e deu-se a esta prohibição sanção penal.

Depois os Papas ora prohibem a compra de escravos, ora ordenam que se lhes conceda a alforria, ora os mandam resgatar, vendendo para isso até os vasos sagrados, como fez Gregorio Magno; até que o grande Alexandre III teve a gloria, como confessa Voltaire, de extinguir a escravidão, declarando em decreto solemne, todos os christãos livres.

Mas o Papado, civilisando assim o mundo que lhe estava sujeito, via com amargura, numerosos captivos, retidos pela cubica mauritana, ou judia. E então abençoa dois heroes, que fundam as Ordens dos Trinitarios, e das Mercês; e, por aquellas mesmas portas Romanas por onde, seculos antes, os Scipões e os Cesares eram levados, em carro triumphal, por milhares de vencidos tornados escravos, João da Matia, e Pedro Nolasco faziam entrar milhares de captivos, com as algemas partidas.

Nos tempos modernos, o Papado conservou ainda n'este ponto a realza da civilisação. Desde Leão X e Pio II, até Pio VII e Gregorio XVI, o Papado só na Europa contra todos os monarchas, arrostou a impopularidade universal, por protestar contra a nova escravatura, que estes Principes toleravam ou apoiavam, nas suas colonias da America e da Africa, levantou-se energico, e anathematisou esse hediondo commercio da carne humana, chamado Tratado dos Negros, que os Anglicanos, e Voltaire classificaram de boa acção e bom negocio, e a final formou a opinião publica a favor d'esses infelizes, e pôde pedir, no Congresso das potencias de 1815, a abolição universal de tal escravatura. (1)

Com tão sympathica e fulgente aureola, Leão XIII cinge n'este anno a augusta fronte: fallam bem alto a apostolica cruzada actual, atravez da Europa, do seu delegado o Cardeal Lavignerie, essa «gloria da França que com voz eloquente e convicta, combate o horrivel trafico que ameaça despovoar o centro do grande continente negro», (2), a Encyclica dirigida aos Bispos do Brazil, e a Rosa d'Ouro enviada à Princeza Regente d'este Imperio pelo facto de ter assignado a lei d'ouro, ou o decreto que n'elle extingue a escravatura.

Além de collocar-se ao lado do escravo, para rehabilitar a dignidade e os

(1) Encyclica *In Plurimis* aos Bispos do Brazil, 5 de Maio de 1888.

(2) Carta do ex.^{mo} snr. Barros Gomes, ministro dos Estrangeiros e interino da Marinha e Ultramar ao presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa, datada de 14 de Setembro de 1888.

(1) Assert., art. 36.

(2) De l'Intelligence, e outras obras, passim.

(3) V. Apologie scientifique de la foi chretienne par Duilhé de Saint-Projet (2.^a edição); e Etudes Religieuses, Philosoph., etc. de Outubro corrente.

(4) La Science au point de vue philosophique; e *alibi*.

(1) V. Apol. scientif. cit., Introd.

(2) Encyclica *Libertas* cit.

(3) Rohrbacher Histoire Universelle, tom. 8.^o

direitos do homem, o Papado cubriu, com o seu escudo, todo o opprimido, e collocou-se ao lado da victima, para esmagar o despota.

O despotismo diz egoismo, e como consequencia diz injustiça. O Papado, porém, ensinando aos Principes «que Deus, como diz Bossuet, lhes deu o poder, e lh'o manda usar, como Elle proprio faz, para bem do mundo», e confirmando estes sublimes principios com frequentes exemplos de quem, occupando o primeiro logar, quer ser chamado o servo dos servos de Deus, nos livrou das saturnaes do egoismo que a feroz omnipotencia dos Cesares Romanos produzia, e, salvas prevaricações parciaes, transfigurou o poder.

O despotismo diz tambem injustiça ou usurpação do direito; mas os Papas bateram-se com os despotas, reconquistando, uma a uma, as liberdades suffocadas, e, em primeiro logar, a mais fecunda de todas as liberdades— a liberdade de consciencia.

Não se chame, porém, liberdade de consciencia á faculdade de poder o homem indifferentemente prestar ou não prestar culto a Deus. Tal liberdade repugna ao senso commum de todos os povos. Mas a liberdade de consciencia consiste no direito que tem cada homem de seguir, segundo a sua consciencia, a vontade de Deus, e de cumprir os seus preceitos, sem que ninguém o possa impedir: assim a define Leão XIII (1). Ora a Igreja comprou com o seu sangue, esta liberdade, para todo o genero humano.

Dae a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus, gritavam os Pontífices, com uma voz, que fazia tremor os thronos dos tyrannos. E ao cabo de tres seculos, em que, pelos degraus d'esses thronos, rolaram as cabeças de trinta Papas e quatorze milhões de martyres, a consciencia humana pôde dizer ao despotismo mais invasor que o proprio oceano: «Irás até alli! e não mais longe. Ahi quebrarás as ondas do teu orgulho!». Cesar renunciara ao Pontificado e ao imperio das consciencias: estava salva a liberdade de consciencia.

Deposto este santo principio no berço da civilização europea, o Papado honrou-se sempre de o manter com o exemplo, e de o defender contra as tyrannias do poder politico, das seitas e dos partidos. O seu proceder nobilissimo offerece um contraste absoluto com o despotismo que se introduziu, onde o poder espiritual é absorvido no temporal: ao «crê ou morres» do Alcorão, unem-se as atrocidades inauditas commettidas pela Pseudo Reforma, na Alemanha, Suissa, Dinamarca, e pelo Anglicanismo do Rei quatro vezes adultero

e quatro vezes assassino, da sanguinaria Izabel e do monstruoso Cronwel.

E os gritos das victimas ceifadas pelas Inquições Hespanhola e Portugueza depois que ellas, contra os protestos dos Papas, se converteram em tribunaes politicos ou instrumentos de policia (1), os gritos das victimas torturadas ou guilhotinadas pelos livres pensadores em 89, os gritos das victimas trituradas, na nobre Polonia, e nas guerras semiticas, ou proscriptas pelos Kulturkampsf's recentes,—ainda se ouvem.

E todavia, senhores, em pleno seculo XIX, não se tem corado de pejo proclamando o Papado incompativel com a liberdade de consciencia, e o que mais é—, regeitando, em nome da liberdade, o culto do verdadeiro Deus, para o substituir pela *Statolatria*. «O homem deve pertencer todo inteiro, corpo e alma, ao Estado» escrevia Michelet! (2) Novo fetichismo! meus Senhores, despotismo anonymo e irresponsavel!

(Continúa).

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

23.º

(Continuado do n.º anterior)

XLIII

P. Affonso Muzzarelli

Gm todos os tempos, desde a instituição da Companhia de Jesus, houve n'esta famosa Congregação homens cheios de saber, profundos em todo o genero de litteratura.

Nos fins do seculo XVIII, ainda depois do golpe de 1773, apesar da decadencia geral das letras que se fazia sentir em todas as classes, os jesuitas dominavam pela simplicidade de suas virtudes, e se faziam amar pelas graças de seu espirito, pela justeza de seu raciocinio e por sua polidez cheia de tacto.

Chateaubriand nas suas *Miscellaneas* faz notar que, depois da extincção por Clemente XIV, o jesuita se denunciava por seu saber, espirito, amenidade e boa educação.

E assim é que onde se encontrasse um velho jesuita era chamado aos collegios, aos lyceus, ás academias, para ser director de estudos, para ensinar,

(1) Rohrbacher, obr. cit., t. XXII, pag. 49-70.

(2) Deker, do cit. cap. XVII.

educar e exercer elevadas funções junto dos Bispos.

Os mesmos Papas, inclusive Clemente XIV, empregaram muitos, e quasi que os admittiram no seu conselho.

Um d'estes jesuitas foi o P. Affonso Muzzarelli, distinctissimo theologo, versadissimo em todas as sciencias, insigne apologista da Igreja e defensor das verdades religiosas e sociaes.

Nasceu em Ferrara (Italia) a 22 de agosto de 1749, sendo oriundo d'uma antiga e nobre familia d'aquella cidade. Entrou na Ordem de Santo Ignacio em 1767. Pouco tempo depois (1773) foi extincta a Companhia de Jesus por um breve de Clemente XIV; mas Affonso Muzzarelli, que era joven, já conhecido por sua sciencia e outras qualidades, não deixou de ser muito considerado e estimado.

Sendo provido n'um beneficio em Ferrara, estabeleceu alli uma associação de mancebos que elle formava na pratica das virtudes. Já então compunha poesias sagradas que tiveram muito successo; e ao mesmo tempo se entregou a trabalhos theologicos e litterarios, sem nunca deixar a oração e as boas obras.

Affonso era um homem tão estudioso como devoto, tão sabio como pio. A sua caridade para com os pobres era inexgotavel, e por ella e por sua doçura tornava amavel a religião.

Tal era a sua reputação, que o duque de Parma, Fernando, lhe confiou a direcção do Collegio chamado dos Nobres.

O Papa Pio VII chamou-o a Roma, e nomeou-o theologo da Penitenciaria, o que equivale a theologo do Summo Pontífice. Alli tambem foi membro, e um dos principaes, da *Academia* da Religião Catholica.

Quando em 1804 Pio VII restabeleceu os jesuitas para o reino de Napoles, Muzzarelli quiz ir juntar-se aos seus antigos confrades; mas o Papa não o consentiu, a fim de não privar Roma de suas luzes. Basta este facto para mostrar o quanto era estimado do Santo Padre.

Em 1809, quando o Pontífice foi arrancado de Roma, Affonso seguiu-o á França, e morreu em Paris a 25 de maio de 1813.

Os escriptos d'este sabio e virtuoso jesuita são quasi innumeraveis, e versam sobre varios assumptos: obras de piedade e devoção, de critica, de theologia, de historia e poesia, e em defeza da ordem social. Todas estas obras são em latim ou italiano, e muitas d'ellas se acham traduzidas em outras linguas: são de muito merecimento e de excellente doutrina.

Mencionaremos em particular uma obra notavel do P. Affonso Muzzarelli,

(1) Encyclica *Libertas* cit.

que tem por titulo; *Observações sobre a Historia ecclesiastica, e em especial sobre os discursos de Fleury*. Foi publicada em Roma, em 1807, na lingua italiana, sendo depois trasladada á franceza.

O douto jesuita apeon Fleury do pedestal a que o tinham elevado os jansenistas, apesar de que elle não foi jansenista. Mostrou os erros, infidelidades e falsificações do historiador francez, de quem o mesmo Bergier affirma que se deve rectificar em muitos pontos.

Convem saber que Claudio Fleury, apesar de ser um escriptor estimavel até certo ponto, comtudo errou e errou muito, como teem provado grandes theologos, e entre elles occupa não pequeno logar o nosso Affonso Muzza-relli. E', portanto, a sua obra a tal respeito do maximo interesse.

Elle escreveu contra os jansenistas, gallicanos, incredulos e revolucionarios.

XLIV

P. Henrique Henriques

Foi um dos primeiros que no nosso Portugal vestiu a roupeta na Ordem de Santo Ignacio, sendo n'ella admittido pelo mesmo Patriarcha, no collegio de Alcalá (Hespanha), no anno de 1552.

Henrique Henriques nasceu na cidade do Porto em 1536. Fez os votos solemnes em Salamanca a 25 de abril de 1568.

Ensinou theologia em diversos collegios da sua congregação, como em Salamanca, Cordova e Granada. Para sua gloria basta dizermos que teve por discipulos os dois famosos theologos, Francisco Suares e Gregorio de Valença, de que já antecedentemente fallamos.

Morreu este grande jesuita portuguez em Tivoli, na Campanha de Roma, a 28 de janeiro de 1608, deixando varios tratados theologicos em dogma e moral.

Em theologia moral é o P. Henriques um dos auctores classicos, de muita fama nas escholas, e a cada passo é citado com honra por Santo Affonso de Liguori.

Ha d'elle uma obra institulada: *De fine hominis* (Do fim do homem), composta em 1594, antes de apparecer o celebre livro de Molina; e, o que é notavel, sustenta n'ella alguns principios que coincidem com os d'este famoso theologo.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Kulturcampf



Journal de Genève é um periodico protestante, que se publica em Ginebra, e do qual os protestantes na Suissa fazem caso. Vejamos como elle fallou recentemente do Kulturcampf: «O Imperador de Allemanha protestou pelo seu desejo de manter a paz religiosa, e fez lo em termos assaz claros para que não haja a temer uma volta offensiva do Kulturcampf. Debaixo de um Papa conciliante como Leão XIII, não ha pessoa que tendo algum conhecimento das situações politicas e algum sentimento das responsabilidades que seja assaz louco para igr a bandeira de combate que será ao mesmo tempo um estandarte de discordia civil (refere-se o citado jornal protestante á renovação do Kulturcampf que da Allemanha passou á Suissa, e a qual mesma folha denomina «anachronisme qu'il faut laisser aux énergumenes ou aux attardés.» Leão XIII é conciliante como foram Seus Antecessores e o serão Seus Successores no que pôde chamar os homens ao bom caminho sem que O Papado deslize um appice da Guarda da Verdadeira Doutrina, e assim desempenhando a Missão Papal!

E' pois confessado: que o Kulturcampf morreu e não pôde resuscitar pelos que foram seus entusiastas de fensores; e veiu a perseguição á Igreja de Deos debaixo de aquelle nome fazer occasião para demonstrar de novo e por um modo assombroso a Invencibilidade do Catholicismo! Como se fôra Propheta me disse logo no principio do Kulturcampf um catholico da Allemanha e de posição na Sociedade germanica: «A guerra á Igreja Catholica na Allemanha fará exaltar a Mesma Igreja!» Exactamente se realisou assim, embora o que falta a regular e que embora isto não impede que se affirme com vontade evidente: «A Igreja de Deos venceu e ganhou!» O campo do Kulturcampf foi a Allemanha e a Suissa, cujos Governos o deram á luz e protegeram, ou antes que o Governo de Berlim lhe deu nascimento e o da Suissa o adoptou como filho; seguiu-se o que todos sabem, e hoje esses mesmos Governos estam em boas relações com a Santa-Sé e n'aquelles Paizes não ha quem creia ou quem pense em fazer reviver o Kulturcampf; os Velhos catholicos, não sendo mais que inveterados racionalistas, sumiram-se e ninguém falla n'elles.

O Imperador de Allemanha foi a Canossa, embora lá não fosse tão correcto como aquelle outro Imperador que tor-

nou Canossa um Sítio assignalado de arrependimento! A petite Canossa, que em tempo ou no principio das negociações de Bismarck com o Representante do Soberano-Pontifece foi promettida pelo Chanceller Alemão não ficou em petib, e é bem de esperar que ainda crescerá mais! Fazendo agora uma digressão para a Russia diremos: que é notavel o modo respeitador e mesmo defensor como a imprensa russa mais conhecida está fallando da Roma Papal.

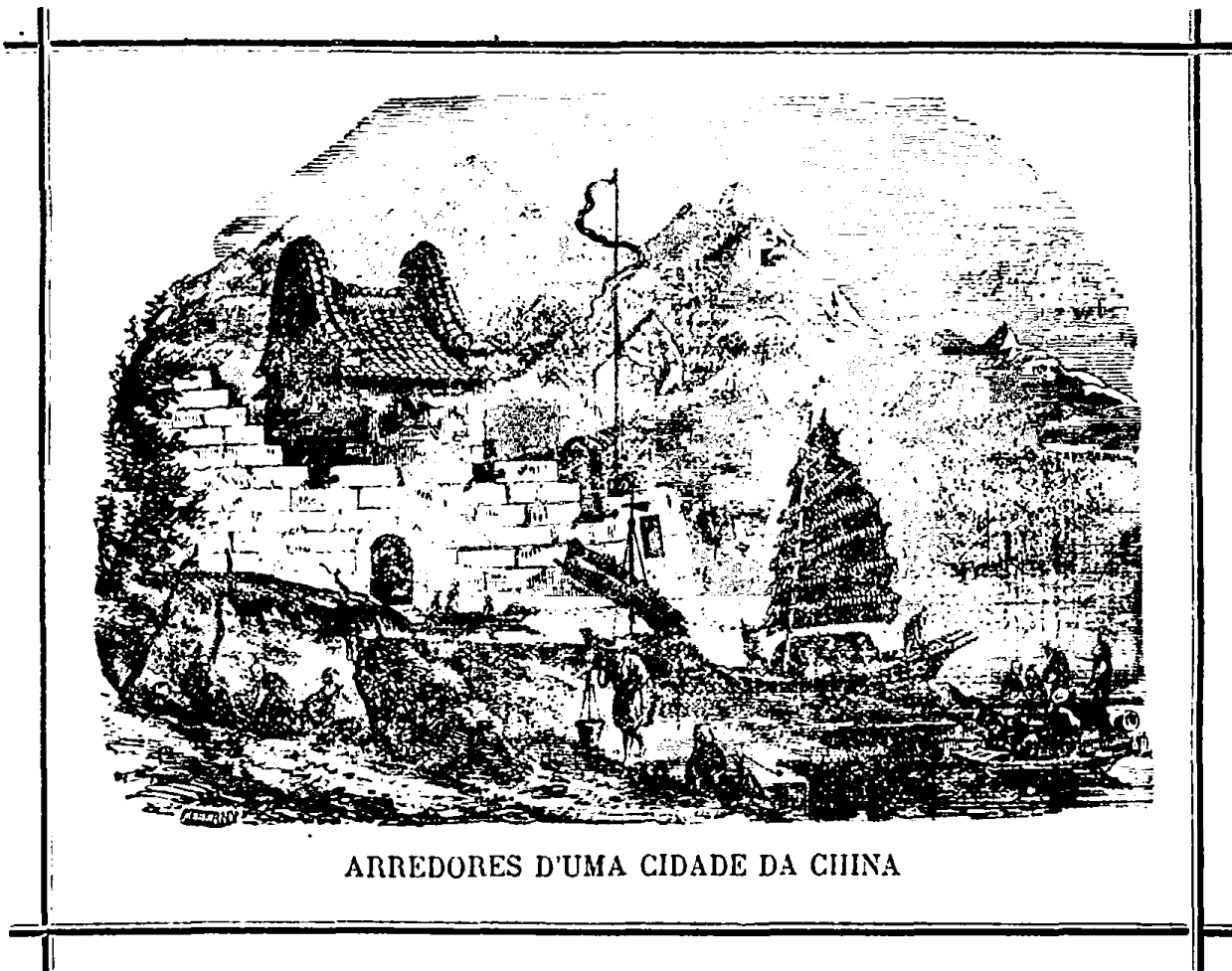
A *Novoie Vremia*, periodico nisso bastante conhecido e que não deixa de ser officioso na Russia, disse ha pouco com referencia ao reino de Italia, que «este Reino era uma criação da perfidia e da violação do direito.» Depois ainda caracterizou, a mesma folha, de «intriguista e de perfida a politica italianissima. Acrescentou a *Novoie Vremia*. «A Russia está em situação de punir mui seriamente o reino de Italia por meio das suas relações com a Santa-Sé e pela protecção efficaz que ella Russia lhe accordaria contra a politica de espoliação imaginada pelo governo italiano. Espoliação, que não se limitou ás possessões papaes, mas foi até á pillagem dos palacios apostolicos, das gallerias de quadros, das antiguidades, e de todas as sortes de objectos de valor.»

E mais ainda disse a *ephemeride* citada: A fraquesa (temporalmente tomada) da Santa Sé é mais aparente que real. O Papado tem atravessado crises bem mais graves que a actual, mas Elle sempre conseguiu ficar victorioso de taes provas. O Papa é nosso alliado natural, e eis porque a Russia deve impedir tudo que poderia contribuir para a annullação do prestigio da Santa-Sé e ao enfraquecimento do poder dos Papas. Sem nada perdermos nós (russos) podemos e nós devemos accordar sabias concessões, ter attentões para com o Papa, Chêfe da Igreja catholica, e respeitar formalmente Seus direitos de Soberano temporal; e é assim, que deve ser dirigida nossa politica, em geral, nossa diplomacia deve abandonar a velha rotina, inaugurar uma outra politica, e não se apoiar em antigos prejuizos.» Vê-se pois como na Russia é encarada a *Questão Romana* e como lá se pensa de um modo tão contrario á politica italianissima da qual é n'este momento paladino o *Signor Crispi*.

Desde Cavour até Crispi a politica do gabinete piemontez tem sido tal, que não acha elogiadores a não Ser nos proprios italianissimos; os mesmos Governos, que reconheceram o reino de Italia, não o têm como modelo nem o consideram como precedente a seguir. Quando na Prussia se fallou, em



Sessão do Parlamento, do engradeci- Vae continuando a derrocada, e con- com que se apresentava, bem mostra-
 mento de aquelle Reino lá foi dito: tinuará em quanto houver que vender, vam que não estava costumado a an-
 «não do modo como se engrandeceu ou dar, dos bens pertencentes à Egreja. dar tanto à solta pelo mundo. Setenta
 Piemonte *à custa* de outros Estados da ja. Ha meio seculo que se vae, pouco invernos, pelo menos lhe tinham des-
 Italia e ainda com o agravo *do modo* pouco, despojando a Egreja dos seus povoado a cabeça toda inteira. O ves-
como foi feita.» O *Kulturcampf italia-* bens, sem respeito algum pelos pro- tido grosseiro, que trazia e que era fei-
 nissimo prima pela traição a mais per- testos da Santa Sé, sem um pouco de- to do antigo habito de que usara, ape-
 fida, e para assim o considerar basta- compaixão por essas instituições que- nas lhe defendia das injurias do tempo
 ler o *Diario de bordo do Almirante* tanto protegiam a miseria. Com a es- as mal cobertas carnes; porque não tra-
Persano, e que este publicou depois poliadora medida da desamortisação- zia camiza, ou outra roupa branca in-
 da sua exautoração, a qual o réduzio faz-se dos Bispos, do clero em geral. terior! O despeito das faces, e o enfiado
 a *simples paisano*; o Diabo dá o *pago* de proprietarios e senhores que d'an- do rosto já não eram o resultado das



ARREDORES D'UMA CIDADE DA CHINA

a quem o serve! E' simples questão de tempo a morte de *este outro Kulturcampf*, que morrerá como morreram o *da Allemanha* e o *da Suissa!*

Dom Antonio de Almeida.

Coisas! Coisas!

A FOLHA Official do governo publicava ha dias o annuncio de que nos dias 7 e 8 de janeiro se arrematariam no governo civil de Braga varios foros com o abatimento de 50, 60, 70, 80 e 90 por cento, pertencentes à Misericordia de Braga, ao hospital de S. Marcos da mesma cidade, à Collegiada de Guimarães, etc. etc.

tes eram, simples pensionistas do Estado, que pode, n'um momento dado, retirar-lhe a pensão, como já tem acontecido em muitas partes e como aconteceu já em Portugal, deixando os pensionados entregues à caridade publica, para não morrerem de fome.

Para provar o que ahi fica escripto, vamos transcrever o que um escriptor liberal publicou em 1841, fallando das Ordens Religiosas. Leia-se e tremas se pelo futuro:

«Ainda hoje (1841) me lembra a dolorosa sensação que experimentei, quando um dia, em 1834, encontrei vagando à toa pelas ruas de Lisboa uma d'estas victimas (um frade) a quem a rapacidade reduziu ao mais infimo estado de abjecção e de miseria. O acanhamento de suas maneiras, a timidez

austeridades, e da penitencia, porem a consequencia natural da fome, e da miseria.

«Pouco costumado a pedir esmola, mal se lhe entendiam as palavras com que o fazia; e era menos por ellas, que pelos gestos de que se servia, que fazia entender a necessidade que tinha de que lhe acudissem.

«Pouco lhe aproveitavam todas estas diligencias; porque, ao menos durante o espaço de mais de meia hora, que o segui, apenas uma unica pessoa se lembrou d'elle, com uma moeda de cobre.

«Condoido de tamanho desamparo, posto que as minhas circumstancias pouco melhores fossem n'aquella epoca, e brevemente viriam a ser eguaes, offereci-lhe espontaneamente o pouco

que eu estava em estado de offerecer-lhe. Espantado de que ainda houvesse no mundo caridade desinteressada, perguntou-me se era para alguma missa que eu lhe dava tão grande esmola. — Não, padre, lhe respondi; posto que eu me dêsse por muito feliz em ter parte nas suas orações, isto, que agora lhe offereço, é sómente para remediar até onde fôr possível, a miseria em que o vejo.

«Num instante nasceu a confiança entre nós. Contou-me que havia mais de cincuenta annos que não sahia do seu convento, onde durante os ultimos trinta, se occupára em ensinar theologia; que lançado de repente no mundo, sem parentes, sem amigos, sem protecção, os poucos recursos que possuia, em breve se tinham esgotado; QUE A PRESTAÇÃO PROMETTIDA PELO GOVERNO, LHE FÔRA DURAMENTE RECUSADA DE BAIXO DO PRETEXTOS DE TER SERVIDO A CAUSA DO USURPADOR; que a esmola da missa a pouco podia chegar; e que assim mesmo nem sempre tinha tenções para dizel-a; que havia já cinco dias, não tinha tido outra cousa com que alimentar-se, se não alguns bocados de pão e alguns golles de vinho; e isto comprado com a vergonha de o andar pedindo de porta em porta!

«N'este sitio o velho se commoveu de maneira, que as lagrimas lhe saltaram dos olhos em borbotões. Quiz continuar a narração das suas desgraças; porém as lagrimas lhe embargaram a voz; e vendo que não podia proseguir, levantou os olhos ao Ceu, deitou-me a bênção, e fugiu de mim com toda a precipitação, que lhe permittiram o peso do corpo e dos annos.»

Isto aconteceu aos frades, a esses homens que tinham para si e para os pobresinhos o bastante e que de tudo foram despojados pela lei da extincção e desamortisação. O que aconteceu aos frades, não acontecerá ao clero em geral, quando os governos por qualquer medida *financeira* lhe suspenderem as pensões? Não chegaremos nós a vêr o padre, roto e esfomeado, a estender-nos a mão implorando uma esmola?

E será preciso isto para desenganar muitos que, mesmo expoliados, se julgam n'um mar de rosas!

* * *

Infeliz decano dos jornalistas portuguezes! Não bastava ao bom do homem o peso enorme, que lhe faz vergar o costado, d'esse grande fardo dos jesuitas, se não ainda havia de apparecer a troça a empanar o *brilho*, o *regosijo* que se observava em Coimbra, quando o *Horacio* coimbrão celebrava o seu 66.º anniversario natalicio.

Infeliz, repetimos, mil vezes infeliz!

Quando tudo era festa, quando os oculos do primeiro jornalista eram embaçados pelo fumo das luminarias, eis que apparece um numero unico do *Preto Academico*, a fazer uma troça pasmosa ás festas, aos festeiros, ao festejado. E depois de em prosa e verso achar em forma o bom do Joaquinzinho, termina publicando uma representação ao rei, assim concebida:

«Senhor:

Aos pés de V. M. Fidelissima os mais respeitosos dos subditos.

Senhor:

Attendendo aos muitos serviços que o infatigavel Guizot Portuguez—Martins de Carvalho tem prestado á sua patria; Attendendo ao muito e entranhado amor que elle nutre pela mocidade estudiosa de Coimbra;

Attendendo ás muitas e repetidas provas de carinho e consideração que publicamente tem manifestado pela universidade e pelas suas instituições gloriosas;

Nós temos a honra de pedir licença a V. M. para lembrar ao illustrado espirito de V. M. a conveniencia de estender ao illustre jornalista a gloriosa e santa influencia do Poder moderador—dispensando-o de todas as provas publicas de acto, inclusive dos de Instrucção Primaria e Licenciado, assim de S. Ex.ª ser investido na dignidade dos graus superiores de Doutor em todas as faculdades, occupando no dia do seu anniversario natalicio o lugar competente nos Doutoraes, e que seja emfim nomeado Reitor da Universidade.

Aos pés de V. M. Fidelissima os mais respeitosos dos subditos.

(a) Os Redactores.»

Simplemente triste, por ser em dia de tanta dita! E ainda para mais ser feita a troça por estudantes, por filhos da sciencia, por aquelles que um dia serão doutores, mas que nunca chegarão a ser Joaquim Martins de Carvalho.

Ao inimigo dos frades, ao soldado valente da cohorte liberaστα, os meus amistosos sentimentos, e um abraço de *discipulo* entristecido, que só lagrimas tem quando vê o merito desacatado.

E por hoje não ha mais coisas.

Um leitor de gazetas.

SECÇÃO LITTERARIA

Na vez primeira

De paixão suspirava, em minha ausencia, nas febris convulsões do ingente amor! Andava estranha a si, na tórva ardencia, como as folhas rancadas de uma flor.

Pungente lhe acudia o pranto aos olhos, se lhe falava, no meu nome alguém; e se a estranha feriam crús abrolhos, desmaiava, julgando-os meus tambem.

Inteiras, longas noites mal dormia, em vigalias cruéis ou negros sonhos! Matavam-n'a apprehensões, nas quaes me via, em cortejos phantasticos, medonhos!...

Muita carta, a principio, me chegava, perfumada de amor o flebeis ais! E, em todas, bem distinctos, encontrava, do seu pranto, amarissimos signaes.

Quando nos braços, a tomei no adeus, soltou gritos fataes, teve ancias cruas; e, emfim, não partiria a outros ceos, se as mãos me não soltassem d'entre as suas.

Do tropel de ruinas maltratado, sem fé nos homens, cheio de dôr tambem, para ti, quantas vezes me hei voltado, sempre a mesma te encontro, oh minha mãe!...

1883.

Mattos Ferreira,
prior em Cintra.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Barcellos

Não só porque a villa de Barcellos é das mais pittorescas e mais opulentas do Minho, mas tambem porque é das povoações onde o *Progresso Catholico* mais leitores conta, é justo que d'ella nos occupemos, não só, mas illustrando até, as paginas da nossa Revista com algumas gravuras dos seus monumentos e sitios mais formosos. Por hoje avulta n'este numero uma vista da villa em frente de Barcelinhos, mostrando as bellezas do rio e antigos vestigios dos paços ducaes.

Quem fossem os primeiros povoadores d'esta villa, não o diremos nós, porque mais abalisados escriptores teem topado quefarte obstaculos para descobrir-os; limitar-nos-hemos a dizer que é muito antiga esta villa, e que já no tempo de D. Affonso Henriques ella existia, porque este monarcha lhe deu fidalgo, que D. Manoel reformou depois.

Em 1298 foi creado o primeiro conde de Barcellos por El-Rei D. Diniz, sendo o agraciado D. João Affonso Telles de Menezes, e depois de uma longa serie de condes, fez D. João 1.º Conde de Barcellos D. Nuno Alvares Pereira, em 1385, titulo que cedeu a seu genro D. Affonso, que o conservou até que seu irmão D. Pedro o honrou com o titulo de duque de Bragança. D. Sebastião erigiu Barcellos em ducado, titulo que hoje anda annexo á casa de Bragança.

Barcellos tem seu brasão de armas, composto da forma seguinte: No centro do escudo, em campo azul, uma torre, uma ponte, e uma ermida com um carvalho á porta. Por cima tres escudos pequenos em faixa, dois com as quinas

de Portugal, o do meio com a aspa vermelha em campo de prata, que era divisa do duque de Bragança.

O concelho de Barcellos é dos mais importantes do paiz, e possui uma antiga collegiada, hoje extincta, por obra e graça da *liberdade*; tem ainda a egreja da misericórdia, hospital, e teve um convento de Capuchos, e é hoje aquartelamento de um batalhão de infantaria.

As ruínas do paço dos duques de Bragança veem-se na nossa gravura, assim como a magnifica ponte sobre o Cavado, que liga Barcellos com Barcelinhos. São deliciosos os arrabaldes d'esta villa, frescas e saborosas as suas aguas, muito rica em cereaes, bem abastecida de peixe do rio, e do mar, onde o Cavado vae desaguar entre Fão e Espozende.

O mercado semanal é dos mais bem fornecidos e tem logar ás quintas feiras. Tem magnificas estradas de macadam, que ligam a villa com todas as povoações do Minho, e passa-lhe junto a linha ferrea que segue para Vianna do Castello.

Dos seus monumentos religiosos temos de occupar nos em outra occasião.

Arredores d'uma cidade na China

Representa a nossa segunda gravura uma paisagem da China, com os seus castellos, com os usos, e com o pittoresco dos trages d'esses povos, com o esquisito de suas embarcações e com os serros encalvados que se observam ao longe.

A cidade de Canton, com uma população de mais de um milhão de habitantes fica perto do sitio que a nossa gravura representa e de que nos dispensamos de descrever, porque ella mostra-a tal qual é, e pouco ha que dizer d'um arrebalde, ainda que d'uma grande cidade.

R.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

PAS BIENAVENTURANZAS, OU LA CIENCIA DE LA FELICIDAD.—Com este titulo fomos mimoseados pela redacção de *La Revista Popular Ilustrada*, de Barcelona; com um pequeno volume, que assás agradecemos, e que muito recomendamos a quem souber o formoso idioma em que Balmes escrevera.

Formam o pequeno volume nove contosinhos que a gente lê de principio a fim, esquecido, descuidado de outras cousas, por que o enredo nos prende,

atrae a nossa attenção e arrasta-nos desde a primeira á ultima pagina.

Não admira que isto aconteça, por que o livro é escripto por um nome já dos nossos leitores bem conhecido—Madame Bourdon, que tão bem sabe fallar nos ao coração, que melhor que ninguém sabe impressionar-nos.

Ao nosso bondoso collega e amigo Snr. D. Miguel Casals, com os nossos agradecimentos, mil parabens.

Não falta que lêr, e o que mais é para estimar, não faltam bons livros para lêr.

Ha em todos os generos, para todos os gostos, á medida de todos os paladares, e infelizmente que até para os paladares mais estragados ha leituras. Não nos occuparemos d'estas, que nem ellas, louvado Deus, nos apparecem em casa, e se apparecem tem prompto o destino merecido, mas fallamos das leituras boas, das uteis, das que delectam e fazem bem.

Agora nos veio á mão, graças a quem de nós se lembrou, um volume com a VIDA DOS SANTOS PEDRO CLAVEL, JOÃO BERCHMANS, E AFFONSO RODRIGUES, santos da Companhia de Jesus, ha pouco canonisados pelo nosso SS. Padre Leão XIII.

N'este tempo em que a Companhia de Jesus mete medo a muito pedante que blasona de sabio, sem de sabios saber cousa alguma, consola lêr a vida d'estes santos homens do Senhor, e meditar n'ella para vêr se podemos attingir tal perfeição, embora as vaias das *iluminadas* gentes nos alcatifem a estrada que temos a seguir.

Custa o volume 250 reis e acha-se á venda na rua do Quellas em Lisboa. Podem ser pedidos á administração do *Progresso Catholico*, sendo os pedidos acompanhados da sua importancia e mais 20 reis para porte do correio.

Está publicado e em distribuição o 2.º volume dos EXERCICIOS DE PERFEIÇÃO E VIRTUDES CHRISTÂS, do Padre Alfonso Rodrigues, da Companhia de Jesus.

Não ha necessidade de encarecer esta obra, porque não ha, talvez, pessoa piedosa que a não conheça, que a não possua, ou que d'ella não tenha ouvido fallar.

A's pessoas que d'ella não tem conhecimento só diremos que é obra útil entre as mais uteis, que tem ensinamentos para todos, lições para todas as occasiões da vida, balsamos para todas as feridas da alma, consolações para todas as desventuras do espirito. Conheçemo-la, temos-nos d'ella aproveitado em horas angustiosas, e sempre, ao fechar o livro, sentimos um prazer

interior, uma consolação indiscripível, uma esperanza sem limites, uma vontade, um desejo de ser melhor do que somos, de calcar todos os preconceitos e de nos dirigirmos ás fontes onde todas as perfeições se alcançam.

Já veem nossos leitores que fallamos com pleno conhecimento de causa, e que temos, para nós, esta obra do virtuoso filho de Santo Ignacio, como a mais propria para as actuaes circumstancias, porque nos ensina a abandonar os errados caminhos que o mundo abre ante nós, para nos mostrar a estrada que conduz á eterna felicidade.

A obra formará 3 volumes, de que estão distribuidos 2. O preço é de réis 15000 cada um, mas por assignatura foi de 660 réis, preço porque poderemos servir alguns exemplares aos leitores do *Progresso Catholico*.

SECRETARIO POPULAR PORTUGUEZ DE CARTAS FAMILIARES, E GEOGRAPHIA PLANA PARA AS ESCOLAS PRIMARIAS, são dois livros publicados pelo bem conhecido editor portuense Snr. Joaquim Maria da Costa, os quaes devem ser bem recebidos pelo publico porque enchem um vacuo assás notavel. Recommendar estas duas publicações aos estudiosos e á classe escolar é dever nosso, porque com isso fazemos um bom serviço. Custa 300 rs. o primeiro e 200 rs. o segundo, e podem fazer-se os pedidos ao editor, largo dos Loyos 56, Porto. Agradecemos os exemplares enviados.

Alberto dos Guimarães.

No proximo numero principiaremos a publicar a lista da ultima loteria de Lisboa, do anno findo, para que os nossos assignantes que se habilitaram ao Brinde saibam se foram ou não contemplados. Os que por outra via hajam visto a dita lista, podem participar-nos se devemos mandar-lhe a *Historia da Inquisição*, ou se preferem outras obras.

RETROSPECTO DA QUINZENA

FINDOU o anno de 1888, anno memoravel por ser o do jubileu sacerdotal do nosso SS. Padre Leão XIII. Terminou com festa, por entre os canticos sagrados e as preces servidas dos fleis. Festa universal por que consagrada ao maior potentado da terra, ao Papa-Rei, que estende os seus dominios por todas as partes do mundo.

Falleceu na sua quinta de Cabanas, junto de Braga, o Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa, Arcebispo resignatario de Braga, deixando uma grande fortuna, que distribuiu por parentes e alguns estabelecimentos pios.

S. Ex.^a R.^{ma} fôra frade franciscano, cursando a Universidade depois da extinção das Ordens Religiosas. Foi nomeado Bispo do Cabo Verde e no mesmo anno Arcebispo de Goa, passando depois para Braga, mitra que resignou.

Deixa varios escriptos que correm impressos.

O Venerando Prelado Visiense, tendo noticia d'um livro infamissimo, escripto pelo pedante Guilherme Dias sob o titulo de—*O que é a Missa*, não lhe soffreu o zelo apostolico ficar silencioso, e publicou a seguinte Pastoral a que nós damos com prazer a maior publicidade:

«*Dom José Dias Corrêa de Carvalho, por Mercê de Deus e de Santa Sé Apostolica, Bispo de Vizeu, do Conselho de sua Magestade Fidelissima, Par do Reino, etc. etc.*

Aos RR. Parochos da Nossa Diocese Saude e Benção.

Fazemos saber que, lendo o opusculo, que tem por titulo «*O que é a missa* por Guilherme Dias ex-padre da Igreja Romana» notamos que a sua doutrina é um conjuncto de erros e impiedades contra o Augustissimo Sacrificio da Missa e outras verdades ensinadas pela Igreja Catholica.

E, constando Nos que se procura disseminar pela Nossa Diocese tão pernicioso opusculo, enviado particularmente aos Professores de ensino primeiro, com o manifesto intento de procurar inocular no coração das creanças o veneno d'aquella tão impia, como deploravel doutrina, corre Nos o dever de recomendar aos RR. Parochos, com a instancia que a gravidade do assumpto reclama, que á estação da Missa conventual e em qualquer outra occasião, que se lhes proporcione, previnam seus parochianos contra a leitura e audição da doutrina contida no mencionado opusculo, no qual se pretende fazer propaganda de antigos erros, desde ha muito, condemnados pela Igreja Catholica.

Dada e passada em Vizeu sob Nosso Signal e Sello, aos 12 de Dezembro de 1888.

José, Bispo de Vizeu.»

Os jornaes religiosos da Hollanda publicaram o convite aos catholicos da Néerlandia para assistir ao solemnisimo Congresso que devera ter logar em Utrecht para protestar contra a situação feita á Santa Sé pelo governo italiano.

O convite é assignado pelo presidente da Federação das associações catholicas eleitoraes, e por muitos dos mais distinctos funcionarios de Estado. Entre os signatarios notam-se os nomes do General Reuthen, antigo ministro da guerra; Luyben, ex-ministro e secretario d'Estado, Conde Marchant, camarista do Rei, quatro membros da Camara alta 10 deputados do Parlamento, e grande numero dos membros dos conselhos provinciaes e municipaes.

A demonstração da Hollanda em favor do Papa será uma das mais imponentes.

Vejam os nossos leitores se podem encontrar na nossa Camara dos deputados dez ditos que sejam capazes de assignar qualquer documento, protestando contra a situação do Santo Padre.

Se os acharem agradecemos saber os nomes d'elles.

Escrevem-nos do Funchal:

Opprime o coração ver, como nações protestantes enviam incessantemente missionarios catholicos para as suas colonias, reconhecendo n'elles o elemento mais efficaz para tornar as florecentes, enquanto que para as nossas colonias não vão missionarios senão de longe em longe, e em diminutissimo numero.

Talvez por parte nenhuma isto se pode observar melhor do que no Funchal. Quasi não ha vapor que aqui passe, em direcção á Africa meridional principalmente, que não leve missionarios ou irmãs de caridade com destino para ás colonias inglezas. Só para a colonia do Natal foram n'estes ultimos 4 a 5 annos mais de 230 missionarios trappistas e mais de 150 irmãs da mesma ordem, que civilisaram em pouco tempo vastas regiões d'aquella colonia, ensinando aos cafres com o proprio exemplo a agricultura europea, abrindo officinas de todas as artes mechanicas e dirigindo numerosas escolas, em que centenaes de rapazes e raparigas cafres juntamente com os filhos dos colonos europeus recebem ensino e educação christã.

Ainda no mez passado seguiram caminho do Natal 39 trappistas e uma duzia de religiosas de outra ordem. Esta semana pelo «*Athenian*» foram mais vinte; e era commovente observar, como elles aproveitaram as poucas horas, que o vapor se demorou no nosso porto, para um entre elles celebrar a bordo n'uma sala transformada em capella o sacrificio da missa, á qual todos os mais assistiram, recebendo ao mesmo tempo a santa communhão. E isto enquanto quasi todos os outros passageiros e emigrantes não tratavam senão de cousas d'este mundo, divertir-se ou fazer negocio. Homens assim, que vão para as colonias, não para

procurar fortuna e depois quanto antes recolher á patria, mas para sacrificar tudo e por toda a vida pelo bem espiritual e tambem temporal dos indigenas, homens assim contribuem mais para tornar prosperas e civilisadas as colonias do que exercitos de soldados e de funcionarios assalariados de toda a especie.

Se Portugal tivesse favorecido em tempo, por ex. em Lourenço Marques, tão vizinho da colonia ingleza do Natal, elementos d'esses, então talvez agora não o viria em tanto perigo de ser totalmente invadido e empalmado pelos inglezes. Mas é sempre a mesma cantilena: «*Percam-se as colonias, mas guardem-se os principios.*»

Para os que ainda não acreditaram nos milagres de Lourdes, offerecemos-lhe mais um. Se crerem melhor para elles, se não crerem é mais um ferro que os pobres homens apanham; e é mesmamente uma grande consolação para todos os bons catholicos esta noticia, e por isso eil-a:

«*Mil.^o Julia Lamothe pertence pelo seu nascimento a Oloron, mas habitando agora no cantão de Moncin (Baixos Pyrenes). Curou-se a 25 de setembro pp.*

Seu tio, o cura d'Abos, narrou-nos minuciosamente a doença e a cura. Levá-los ia muito espaço a longa narração. O certificado seguinte fornecerá uma sufficiente satisfação á piedosa curiosidade de nossos leitores:

«*Empreguei todos os meus cuidados durante nove mezes em Mil.^o Lamothe, sobrinha do cura d'Abos. Quando esta piedosa menina chegou a casa de seu tio, tinha attingido uma chloro-anemia, caracterizada por uma amenorrhéa absoluta. A anorexia chegou progressivamente até ella recusar o minimo alimento, conduzindo á inação, e peioramente, a perda das forças digestivas e musculares, a tal ponto que Mil.^o Lamothe estava de cama sem mudar de posição, como uma massa inerte e sem vida. Não só a alimentação era nulla, mas subitamente os vomitos incoateveis, seguidos de hematemesis quotidianas e abundantes, vieram complicar esta morbida scena. Eu julgava que uma ulceração d'estomago tivesse sido a frequencia relativa d'estes vomitos de sangue na chloroanemia e o hystericismo.*

«*Alem disso a persistencia d'uma temperatura quasi normal e d'uma nutrição inteiramente anormal d'um corpo sem movimento devia afastar toda a idea de lesão organica.*

«*Mil.^o Lamothe, havia muitos mezes, tinha igualmente uma extravasação de saugue de cór negro muito pronunciada, occupando as palpebras superior e*

inferior dos olhos, o que impressionava vivamente as pessoas que a traclam.

«Foi n'este estado ainda extremo de fraqueza e de desperecimento, ainda que houvesse um leve restabelecimento na sua situação, que Mll.^o Lamothe foi transportada a Lourdes. Ella disse-me «que sob a acção miraculosa, tinha sentido renascer as forças e voltar-lhe o appetite». . . A colorisação denegrida devida ao sangue extravasado formando como dois circulos ecchymoticos, desapareceu no momento em que lhe enxugaram os olhos com um lenço molhado em agua de Lourdes».

«Tornei a ver Mll.^o Lamothe, no dia seguinte ao da sua peregrinação; fiquei surprehendido, maravilhado com esta transformação subita e definitiva.

«Recobrou depois, todos os attributos da saude, forças, bom appetite, alegria ineffavel, bem natural, quando se pensava que ella permaneceria sempre de cama.

«Declaro a cura completa e considero a como um facto extraordinario miraculoso, esta passagem subita e instantanea, e sobre tudo decisiva e confirmada, d'um estado completo de fraqueza e de aniquilação a uma boa e robusta saude.

Moncin, 12 d'outubro de 1888.

«Dr. Forcaule.»

Que mais querem? Se não basta isto para lhes abrir os olhos podemos dar-lhe mais; d'isto acontece todos os dias!

Ora para que hade ser que os Papas querem dinheiro! . . .

O dinheiro dos Papas é para alliviar as miserias dos povos, e principalmente dos povos vergados ao peso da tyrannia dos governos revolucionarios. Querem mais uma prova? Eil-a:

«O Papa, continuando a alliviar os soffrimentos dos pobres da sua cidade de Roma, acaba de completar com uma generosa subvenção, na aproximação do Natal, todos os socorros que lhes mandou distribuir durante este anno jubilar. Para este fim, Sua Santidade pôz á disposição do seu esmoler secreto, Monsenhor Cassetta, a quantia de doze mil francos (2:1605000). Além d'isso, o Santo Padre destinou tres mil francos para que sejam distribuidos, na mesma occasião, pelo seu Cardeal Vigario, aos Padres necessitados e mais dedicados ás obras da acção catholica.»

Sabe toda a gente para que os Papas querem o dinheiro. Ora o que ainda, bem se não sabe é para que o querem os governos revolucionarios, sendo aliás dinheirinho que tanto suor custa ao Zé povinho! . . .

D'entre os muitos presentes feitos ao

Santo Padre por occasião do fausto jubileu sacerdotal, destacava-se pela boa lembrança e pelo artistico do trabalho, o que enviaram a Roma as Religiosas Dominicanas, residentes em Constantinopola (notem, em Constantinopola, capital da Turquia), consistindo n'umas sandalias de subido gosto.

Obtiveram as Religiosas, por intermedio de S. Ex.^a o arcebispo da Ordem, Mons. Sallua, a medida dos pés de S. Sautidade, e alcançaram do Snr. Hayette, professor de desenho na Universidade turca, um risco historico, referente ao pontificado do Papa, e no qual fossem representados os principaes documentos n'elle publicados. Eis o que o professor desenhou e as Religiosas bordaram nas sandalias que offereceram a S. Santidade:

Ambas levam bordado a ouro aquelle texto de Isaias:—*Quam pulchri pedes evangelizantium pacem*. Na parte superior vê-se o sol, um rosario com a cruz, e o mundo. Em uma das sandalias em de redor do sol, symbolo de Santo Thomaz, está excripto:—*Eterni Patris*; em volta do rosario:—*Supremi Apostolatus*, e em volta do mundo:—*Humanum genus*.

Na outra sandalia lê-se em volta do sol:—*Cum hoc sit*; circuitando o rosario:—*Superiore anno*; e rodeando o mundo:—*Immortale Dei*.

Magnifico pensamento, porque, como nossos leitores sabem as palavras *Eterni Patris*, e *Cum hoc sit*, se referem á doutrina de Santo Thomaz; as *Supremi Apostolatus*, e *Superiore anno*, ao Rosario; e *Humanum genus*, e *Immortal Dei*, ao bem da sociedade em geral.

Acrescendo a tudo isto o esmero no bordado, feito com uma perfeição que chamava todas as vistas, digam nos os leitores se foi ou não nma formosa dadiwa a das filhas de S. Domingos, residentes em Constantinopola.

Dizem-nos de Ericeira:

Eram desde ha muito esperados n'esta Villa dois missionarios de Varatojo. Finalmente chegaram no dia 10 de Novembro e começaram a santa missão no dia seguinte, os Rev.^{os} Fr. Antonio do Presepio e Fr. Manuel das Chagas, que por vinte e quatro dias, prégarão com grande aproveitamento a numeroso auditorio, que attentamente os escutava.

Resultou d'aqui o fazerem-se alguns casamentos de necessidade, não poucas restituções, alguns odios desapareceram, fazendo as pazes inimigos, que pareciam irreconciliaveis. O santo tribunal da penitencia, unica taboa de salvação para o peccador, rodeado sempre de penitentes; a sagrada meza frequentada por centenas de pessoas, que junto ao altar santo iam receber o

osculo de paz do Deus das misericordias; tudo nos fazia crer que tinhamos voltado aos primeiros seculos do Christianismo, e que viviamos entre os fleis da primitiva Igreja! Quanto o nosso Deus é bom! Como lembrança da missão estabelecera os missionarios, na igreja matriz, a devoção da Via Sacra, muito esquecida n'esta Villa, mas que agora reviveu, e com bastante fervor e para cumulo de tanto bem, dignou se S. Em.^a o Sr. Cardeal Patriarcha, vir a esta Villa em visita pastoral no dia 9 de Dezembro, fazendo se-lhe uma recepção digna. S. Em.^a nos cinco dias que esteve entre nós, disse missa todos os dias, prérgou, e ministrou o Sacramento da confirmação a 1:200 pessoas. Visitou processionalmente os tres cemiterios d'esta Villa, indo no prestito 3:000 pessoas. Nunca n'esta Villa se viu manifestação tão imponente, nem tão commovente. Retirou S. Em.^a no dia 13, e os missionarios, no dia seguinte, deixando a todos, gratas recordações.

Haverá ainda quem diga que as missões só são convenientes em paizes onde a luz do Evangelho não penetrou? quanto se engana, quem assim pensa! O resultado d'esta santa missão é bem visível; e sabem por que? por que estes bons missionarios, a exemplo do Santo Patriarcha de Assis, prérgam com a palavra e com o exemplo, e só d'esta sorte se pode tirar o bom fructo espiritual.

Uma noticia que honra sobremodo as Filhas de Maria, de todo o universo, e principalmente ás de Famalicão, a quem a noticia se refere. Existe na villa acima mencionada um hospital geral, denominado S. João de Deus, uma especie de misericordia, ou mesmo um Hospital da Misericordia, que presta bastantes serviços aos doentes pobres. Pois querem saber quem lançou os fundamentos d'essa santa casa, quem alicerçou esse monumento erguido á caridade christã? Leiam o que nos ministra a *Gazeta de Famalicão*:

Ahi por 1866 o grande apostolo da Igreja de Deus, Padre Rademaker, depois de estabelecer a Pia União das Filhas de Maria por quasi todas as terras de Portugal, estabelecia-a tambem em Famalicão, desenvolvendo-se desde logo pasmosamente, a ponto de se formar segundo côro ao fim de dois mezes. E eil-as a exercer os encargos que sobre si tomaram, cuidando da educação das creanças, fazendo terminar escandalosas *amizades* (aqui é que está o grande escolho das Filhas de Maria, e podemos affirmar que onde apparecer um inimigo muito grande d'ellas, é procurar-lhe a causa e ha de achar-se o empenho das Filhas de Maria em que- rerem affastal-o do vicio; e promover

o bem por todos os modos; mas não lhe bastava isto, quizeram mais, lembraram-se de fundar um pequeno hospital para as associadas pobres. E conseguiram-no. Coração generoso deu-lhe uma casa onde estabeleceram o seu hospital, e foi d'esta pequena semente, mas lançada em fértil terreno, porque lançada por mãos caridosas e dedicadas ao bem, que nasceu o hoje Hospital de S. João de Deus, de Villa Nova de Famalicão.

Bem hajam ellas, as piedosas Filhas da Virgem, que até nos proprios inimigos tem a apologia de suas virtudes.

Os povos de Torres Novas tem um collegio para meninas, dirigido por irmãs de Santa Thereza, que para ali foram do Collegio da Fraga, onde tem uma casa montada convenientemente e de que esta Revista deu conta já a seus leitores.

O Collegio de Torres Novas não foi verdadeiramente fundado pelas filhas da Santa Doutora, pois que ali existia ha muito um collegio, dirigido pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Barbara Balbina de Paula Correia, e foi esta senhora que o passou ás virtuosas Carmelitanas.

Se Torres Novas se podia orgulhar por possuir o Collegio quando dirigido pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Barbara, mais se deve agora ufanar por elle ser dirigido por senhoras pertencentes a uma Ordem religiosa, porque d'esta arte terá o collegio mais pessoal docente, e poderá melhor attender ás muitas creanças que ali vão em demanda da instrucção e do ensino.

Demos os parabens aos habitantes de Torres Novas e muito desejamos que a nova casa religiosa prospere e augmente para gloria de Deus e salvação das almas.

Finou-se ha pouco tempo o R.^{mo} Padre Duparquet, bem conhecido em Portugal e especialmente em Braga, onde por tempo residira, devendo-se a elle a fundação do Collegio do Espirito Santo, um dos mais importantes estabelecimentos de educação e ensino que o nosso paiz possui, e se a elle se não deve no todo, é certo que foi elle o iniciador d'esse vasto edificio escolar.

Não seremos nós que digamos quem

foi o Padre Duparquet, porque podemos ser taxados de suspeitos na materia: damos a palavra a um jornal de todo o ponto insuspeito porque, pelas suas ideias rasgadamente liberaes, não tem nada de reaccionario, de jesuita, de carola, nomes com que nos podem a nós mimosear, sem que com isso nos façam o minimo mal.

Lê-se, pois, nas Novidades:

«O telegrapho noticiou-nos a morte d'este illustre missionario, um dos mais brilhantes ornamentos da ordem do Espirito Santo e um dos seus mais benemeritos e zelosos apóstolos em Africa, onde prestou relevantes serviços á civilização e á humanidade. O padre Duparquet occupou, por muitos annos, um dos primeiros logares na direcção das missões na costa occidental de Africa e por isso esteve sempre em contacto com as auctoridades portuguezas, que sempre tiveram por elle a maior consideração e sympathia.

«O padre Duparquet era em extremo afeiçãoado a Portugal. Não ha ainda muitos annos, sendo bispo de Angola e Congo o actual sr. cardeal patriarcha de Lisboa, que tinha as melhores relações com o esclarecido missionario francez, o padre Duparquet, que fundou a missão de Huilla, repetidas vezes manifestou o desejo de se collocar ao serviço de Portugal, naturalizando-se até cidadão portuguez, se preciso fosse, tamanha era a sympathia que sentia pelo nosso paiz e o desejo de por qualquer forma lhe prestar serviços. Circumstancias supervenientes fizeram com que não fosse por diante o seu intento.»

E a um homem d'estes, arremessariam algum dia insultos os filhos d'este reino que tanto lhe deve, ao vel-o passar pelas ruas das nossas cidades? Não lhe faltariam...

J. de Freitas.

ANNUNCIOS

Historia Biblica

OU NARRATIVAS DO

VELHO E NOVO TESTAMENTO

Illustrado com perto de 200 estampas

Edição em vulgar, offerecida ás escolas e ás familias portuguezas

POR

D. ANTONIO DE MACEDO COSTA
BISPO DO PARÁ

Esta obra que foi benevolmente acolhida por Sua Santidade Leão XIII e tem sido approvada por varios membros do Episcopado de todas as nações, é o melhor compendio para nas escolas se estudar a Historia Sagrada, e é um bello livro para ler e meditar em familia.

É um volume de 293 paginas, bem cartonado, e custa, franco de porte, 400 rs.

Faz-se abatimento para collegios e casas de educação, que comprem mais de 5 exemplares.

Pedidos, com a importancia, a Teixeira de Freitas - Guimarães.

JESUS VIVO NO PADRE

CONSIDERAÇÕES

Sobre a excellencia e santidade do sacerdocio

PELO REVERENDO PADRE MILLET, DA COMPANHIA DE JESUS

Versão da terceira edição franceza pelo Rev. Padre M. M. d'Almeida, offerecida ao Em.^{mo} sr. CARDEAL D. AMERICO BISPO DO PORTO e a todo o Venerando Episcopado Portuguez

Com approvação do Em.^{mo} Cardeal-Bispo do Porto, Arcebispo de Mitylene, Arcebispo de Perga, Bispo d'Angra, Bispo do Algarve, Bispo de Lamego, Bispo de Bragança, Bispo de Vizeu, Bispo da Guarda, Bispo Conde, Bispo de Beja.

José Fructuoso da Fonseca. Editor

Preço, 700 reis—Pelo correio, 750 reis

Vende-se na administração do «Progresso Catholico» em Guimarães e no Porto na administração da «Palavra».

O PROGRESSO CATHOLICO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1\$000 reis—Estados da India, China, e America, 1\$220 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis.

As assignaturas são pagas adiantadamente, não se recebem por menos de um anno, e este principia em 30 de Outubro

Toda a correspondencia dirigida a Teixeira de Freitas—rua de S. Damaso, 5 a 9—Guimarães